

A CARTA DE TOLOSA COMO DOCUMENTO HISTÓRICO: REFLEXÃO I

META

Passar para estudo a primeira parte da Carta de Tolosa.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá conhecer em detalhes o conteúdo desse documento histórico.

PRÉ-REQUISITOS

Conhecer as missões jesuítas em Sergipe e o Concílio de Trento.



INTRODUÇÃO

Caro aluno ou querida aluna: nesta aula você se defrontará com um documento escrito por um jesuíta que registrou as missões de Gaspar Lourenço em Sergipe em 1575. Examinar um documento da época possibilita enxergar uma história mais vivida por personagens de “carne e osso”. Tenha certeza que o documento abaixo fará você mais ainda apreciar o “mundo de pertencimento” de Lourenço e sua atuação na região do Rio Real. Como já apontamos em uma das nossas primeiras aulas, a história escrita se faz com documentos. Não há pesquisa de historiador sem examinar os registros da cultura material deixada por homens e mulheres do passado. Segundo Maria de Lourdes Janotti, “ser historiador do passado ou do presente, além de outras qualidades, sempre exigiu erudição e sensibilidade no tratamento de fontes, pois delas depende a construção convincente de seu discurso”. (Janotti, 2005, p. 10)



Um jesuíta escrevendo (Fonte: <http://www.pap-na-epc.blogspot.com>).

Superiores, padres e irmãos da Companhia de Jesus quase sempre escreveram cartas, informes, relatórios e crônicas informando o cotidiano da Companhia nas colônias portuguesas da América. A escrita fez parte do cotidiano da companhia de Jesus desde os primeiros momentos da fundação da Companhia.

Muitas dessas correspondências encontram-se nos arquivos de Roma, Lisboa, Évora, Madri e Rio de Janeiro. No Brasil, os historiadores leigos do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil –IHGB –, como Capistrano de Abreu, na segunda metade do século XIX, começaram a recuperar parte da documentação dos jesuítas no Brasil. Segundo Fernando Torres Londoño, Serafim Leite deu continuidade a esse trabalho “consciente da importância destas cartas e do imaginário que elas alimentavam a respeito da Companhia nos primeiros anos da colonização lusa no Brasil, além de utilizá-las para a redação de sua História da Companhia de Jesus no Brasil”. (Londoño, 2002, p. 12)

Cartas e crônicas dos jesuítas foram utilizadas como fontes históricas em muitas teses e outros trabalhos científicos nas universidades brasileiras a partir das décadas de 1970 e 1980. Na USP, por exemplo, José Carlos Sabe Bom Meihy chamou atenção para as correspondências dos jesuítas como cartas edificantes e de informações. O termo “edificante” dever ser compreendido “na expressão ascética da época, que apontava para as ações que serviam para manifestar a presença divina, estimular a fé do próximo e infundir piedade.”(Londoño, op. Cit).

Mas, seriam somente cartas edificantes? Estariam os jesuítas somente registrando suas ações a serviço do ideário cristão, inaciano?

Para Londoño, elas não são somente edificantes. “As cartas” – prossegue este autor – “seriam recolhidas e enviadas à Europa constituindo textos diferenciados, produzidos como parte de um projeto missionário que estava sendo construído e para o qual o poder sempre foi um referencial fundamental”.(Londoño, op. Cit).

CARTAS JESUÍTAS

Isto quer dizer que as cartas podem ser compreendidas possuindo multiplicidade de sentidos e, de igual forma, “constituem um espaço de tensão, de negociação, de recuos e principalmente de ação”. (Brandão, 2000, p.37).

Segundo Helena H. Nagamine Brandão, os missionários que escrevem as cartas são homens de “carne e osso”, escrevem suas cartas interagindo com o seu mundo. “Nas cartas os missionários mostraram-se homens de sua época, principalmente na maneira de pensar e ver o mundo recém-descoberto”. As correspondências dos jesuítas refletem a “ambivalência da realidade conflitual em que atuaram e viveram”. (Brandão, op. cit).

Encontrar as “edificações” e os “conflitos” é uma chave de leitura interessante para analisarmos a carta de Tolosa, apresentada abaixo.

A CARTA DE TOLOSA NOS TEXTOS DE HISTÓRIA DE SERGIPE

Não sabemos da existência de correspondências de Gaspar Lourenço com o seu superior. Segundo Aurélio.

A carta que apreciaremos abaixo foi escrita pelo missionário Tolosa. Ele ...

A carta original está escrita em espanhol e se encontra na Biblioteca Nacional de Portugal em Lisboa. A cópia que apresentamos abaixo foi traduzida e publicada por Felisbelo Freire em notas de rodapé do capítulo I “Descoberta e conquista de Sergipe”, do livro I “Época de Formação” (1575-1696) do livro “História de Sergipe” (1ª. Ed. 1891). Encontramos esta cópia de Freire reproduzida no livro “A colonização da Capitania e Sergipe D’ El Rey” de Emanuel Franco (1999).

Percebemos a citação de trechos da mesma como parte complementar de leitura de capítulos de livros. Maria Thetis Nunes, por exemplo, no capítulo denominado “A Integração do território sergipano à colonização portuguesa” no livro “Sergipe Colonial I” (1ª ed. 1989), publica um pequeno trecho desta carta onde descre-

ve a primeira aldeia visitada por Lourenço nas terras sergipanas. No capítulo III – Textos etno-históricos (1575-1884) em “Estudos antropológicos, etnográficos e folclóricos em Sergipe” (1984) Jackson da Silva Lima segue na mesma perspectiva, citando parte da carta de Tolosa mais em referências aos mitos de origens dos índios.

Identificamos o uso da carta em forma de citação de frases ou comentários nos textos de outros pesquisadores.

NOTAS SOBRE A PRIMEIRA PARTE DA CARTA DE TOLOSA

Em *Investigações histórico-geográficas de Sergipe* Felte Bezerra diz que *Real* “é uma denominação que se generalizou, por assim dizer, primeiro pela multiplicidade de nomes, conhecidas as faixas de terras entre os vários reais; segundo, pela denominação dada às terras de Coutinho, além do ponto alcançado pela colonização, em esboço e não prosseguida, das feitorias de Luiz de Brito”. Segundo o *Atlas Escolar Sergipe*, o rio Real nasce em Sergipe no município de Poço Verde, na serra do Tubarão, tomando direção sudeste indo desaguar, depois de 140km, no Oceano Atlântico, no estuário do Mangue Seco, entre os municípios de Jandaíra (Bahia) e Estância (SE). Esta indicação de que o rio Real nasce em Poço Verde nem sempre foi aceita pelos pesquisadores interessados na delimitação do território sergipano. Confira, por exemplo: Ivo do Prado. *A Capitania de Sergipe e suas ouvidorias*. Rio de Janeiro: Pap. Brasil, 1919.

O que nos interessa destacar é que a região banhada pelo rio Real era vista pelos portugueses, no século XVI, como “sertões do rio Real”, onde havia índios considerados ainda não civilizados. Em outras palavras àqueles sertões do rio Real era um território de selvagens indóceis e não civilizados.

Um acontecimento marcante para se criar essa idéia de território de não civilizados foi o acontecimento de 1556 onde morreu D. Fernando Sardinha e outros tripulantes das embarcações que se

destinava ao Reino. Como já fizemos referência em outra aula, a partir desta data houve uma acirrada disputada por caça aos nossos primeiros habitantes. Neste sentido, pensemos o “sertão do rio real” como território de cobiça dos colonizadores em escravizar os índios.

Recorde, de igual forma, o que já mencionamos numa outra aula: os “sertões do rio Real” também aparecem como lugar de refúgio de escravos indígenas de algumas fazendas da Bahia. “Esses sertões”- escreveu Almeida – “foram preferidos para essa inominável caçada humana, onde toda a sorte de crueldade se praticou...”

Assim, nesse contexto, a missão iniciava-se.

Lourenço era um missionário de “carne e osso” imerso em diversos conflitos, envolvendo índios, fazendeiros, criadores de gado.

Lembre, por fim, que Lourenço foi chamado para fazer missão na região por ser afamado em línguas e com o intuito de “apaziguar” os conflitos. Assim, os sertões do rio Real, de igual maneira, se tornaram lócus predileto dos missionários.

Tolosa não deixa explícito o projeto de cristianização da área do Rio Real ao São Francisco, com fins de apaziguamento por parte dos jesuítas. Projeto este de comum acordo com os propósitos da coroa portuguesa, sob os auspícios de Men de

Sá e Luis de Brito. Numa leitura apressada do documento, principalmente nesta parte que desçamos agora, poderíamos afirmar que a missão acontecia naquelas localidades por interesses dos chefes dos índios – os principais – nos ensinamentos das “cousas de salvação” transmitidas pelos padres.

É importante que você atente para os termos “antes estava em guerra” e “sem ter comércio com os brancos”. Não iremos comentar



Jesuítas pregando a indígenas, (Fonte: <http://www.amadeo.blog.com>).

nada agora porque precisamos de mais leitura e interpretação da carta.

Os padres estavam desconfiados dos “principais”. No início não sabiam se os chefes indígenas queriam mesmo a missão ou armavam ciladas com o objetivo de matar os missionários e desestabilizar as missões naquela localidade. A expressão “aguardou-se alguns meses” expõe, claramente, o intuito de aguardar um tempo enquanto se coletava informações sobre os reais motivos daqueles que desejavam as “cousas de Deus”. Porém, em seguida, na mesma frase encontra-se a palavra “constando”, evidenciando que os missionários passaram a acreditar nos “principais” que queriam as edificações de novas igrejas, doutrinas e rituais em seu cotidiano. Em seguida, Tolosa é bastante claro na afirmação de que Deus estava por detrás dos pedidos dos índios. Assim, aqueles povos considerados “bárbaros”, não cristãos, que antes estavam em guerra, foram “tocados por Deus” para aceitar a civilização cristã.

Tolosa nos aponta o início das missões em fevereiro de (15)75.

Vieram do Rio Real muitos índios principaes das aldeias comareans que estão naquellas partes: quarenta, cinquenta e sessenta léguas desta cidade, todos em grande desejo de levar padres que os ensinassem as cousas de sua salvação e como era gente que antes estava de guerra, sem ter commércio com os brancos, aguardou-se alguns mezes para ver se vinham bem movidos e constando claramente que Deus os trazia pareceu serviço de Deus aceitar esta empreza e assim no mez de Fevereiro de 75 partiu o padre Gaspar Lourenso (que é grande língua entre elles muito affamado) com o irmão João Solonio, a ensinar-lhes as cousas de sua salvação.

Luiz de Britto foi o primeiro Governador das Capitâneas do Norte, quando se deu a divisão do Brasil em dois governos por parte de D. João III. Seu domínio correspondia à capitania da Bahia e às de Ilhéus, Pernambuco e terras mais ao norte.

Britto deseja expandir territorialmente toda a Capitania. Ainda na década de 1570 muitas áreas não estavam integradas à colonização portuguesa, como era o caso da Paraíba e Sergipe. Os obstáculos para o seu propósito seriam as resistências indígenas e a presença de franceses nessas localidades, fazendo aliança com os primeiros habitantes.

Para Brito uma medida urgente para integração desses territórios seria a povoação, enviar soldados para ocupar e fixar residência. Assim fez em 1575 na ocasião da missão de Lourenço dos sertões do Rio Real. De igual estava em seus planos a “civilização” dos “selvagens”. A expansão da cristandade fazia parte desse projeto de Brito.

Enviou também o governador Luiz de Britto um capitão, com alguns homens brancos, com desejo de haver lá alguma povoação.

Você deve estar perguntando: o índio ficou muito triste porque seu filho não foi batizado e poderia ir ao inferno, conforme disse o padre? O pai solicitou ser batizado com medo de também ir ao inferno?

O termo “inferno” e “batismo” não existia no cotidiano dos tupinambás e nem de outros povos indígenas. Estes termos pertencem ao modo de ser dos jesuítas.

Como você viu na lição anterior, os Jesuítas eram religiosos pertencentes à Companhia de Jesus, que era ligada à Igreja Católica. Eles pertenciam a uma ordem religiosa atuante em conformidade com as transformações do Concílio de Trento.

Recorda o que mencionamos sobre os sacramentos, a catequese e o domínio do satanás no mundo? Você precisa destas informações para compreender as atitudes de Lourenço em missão com os índios. Ele é fruto do seu tempo. Agia como um porta-voz atuante da expansão da cristandade que via no cumprimento dos sacramentos a certeza da presença de Jesus no mundo e o domínio e prestígio do demônio sobre as almas dos índios.

Deixo de contar o sentimento que houve em a aldeia de S. Antonio, quando se despediu della o padre, porque todos os desta aldeia se puzeram em um pranto, sentindo muito apartar-se delles o padre, de suas almas, como diziam; e grandes e pequenos subiram com elles boa parte do caminho e se não se puzera número na gente que havia de levar, quasi todos queriam ir com elle, mas não foram mais de vinte. Pelo caminho a ocupação dele padre foi ensinar a doutrina aos índios e brancos que iam em sua companhia. Pela manhã, antes de começar a jornada, dizendo todos juntos as ladainhas, pedindo a Deus que os desse prospera viagem.

Já à noite no fim de sua jornada, faziam o mesmo. E como todo aquele caminho é despovoado, recolhiam-se em algumas choças que os índios faziam, onde com muita caridade repartiam com elles a pesca que tomavam e o padre provia também os necessitados. E sempre foram assim e muitas vezes descalços pelas águas que haviam de passar, mas todos foram com grande paz e alegria, até o Rio Real. Em meio do caminho pela nova a um principal, que ia com elle, porque o haviam morto em sua aldeia um filho foi logo ao padre, dizendo já meu filho é morto, por ventura vae ao inferno? O padre respondeu que sim, porque não era baptisado a elle com grande tristeza disse chorando: pezo-me muito disto; me baptises para ser filho de Deus e não ir ao inferno.

Os mitos de origem dos tupinambás são interpretados pelos jesuítas como uma versão meio tosca da “verdadeira história” escrita no livro dos Gêneses da Bíblia.

Um principal conta a elle uma história que elles tem por certa para explicar sua origem. Dizendo que em tempo passado, aconteceu que os seus por não quererem ser bons, se levantou contra elles um principal e os fez guerra, e depois muito anciado

tomou um dardo, e deu com elle em terra e fez que se abrissem as fontes e se apagassem todos e que elle fez uma casa de folhas muito bem tapada ai se defendeu da água; e depois de todos mortos e a água passada, sahiu e assim começaram as gerações, que a cousa é muito longa de contar. O que isto disse, acrescentando que por isto estão desunidos e não tem nada porque tudo perdeu com a água. Ouvindo o padre isto e entendendo que tinham alguma noticia, do dilúvio, mas corrupta, lhes explicou a verdade, declarando lhes a história do Genezis, até chegar como Noé fez sua maldição ao Clam, porque fez burla delle, dizendo que elles descendiam desde Cham e por isto andavam todos apartados de Deus. Folgavam todos muito ouvindo isto e deram desejos de aprender as cousas de Deus.

Neste texto a carta Tolosa expressa o momento da chegada no Rio Real. A boa disposição dos missionários e como eles foram bem recebidos. Alegria, choro, comida e hospedagem fazem parte das boas vindas dos habitantes do rio Real aos padres.

Chegaram todos com boa disposição ao Rio Real a 28 de fevereiro e deixando o padre o capitão aposentado em lugar apto, passou a visitar uma aldeia de índios, que estava seis léguas d'ali. Sabendo os da aldeia que vinham, saíram todos com grande alegria a recebel-os, com grande choros, como costumavam fazer, trazendo cada um algum presente ao padre, conforme sua pobreza, como farinha, batatas, e cousas semelhantes, e foram hospedados de um principal, com muita caridade, assim elle como todos os índios que tinham em sua companhia, repartindo-os por todas as casas.

Lourenço aparece dando “razão” aos índios da sua vinda aquelas localidades. Diz o missionário que estava ali para manifestar a lei de Deus, ensinar o caminho da salvação e livrar da sequeira.

Esta declaração acima reforça mais ainda o que você já sabe sobre Lourenço e os demais missionários. Temos certeza de que você já sabe identificar o mundo de pertencimento dos jesuítas e o porquê de sua atuação em missão indígena nos sertões do rio Real.

Este principal pregava pela aldeia que havia sido cousa que se perdesse a gente que em tempo passado fugiu das aldeias, e por isto fazia esta festa ao padre e o abraçando apenas o levou para sua casa. Outro dia pela manhã começou o padre a dar a razão aos principaes da aldeia, de sua vinda, dizendo que vinha manifestar-lhes a lei de Deus e ensinar-lhes o caminho de sua salvação e livral-os da cegueira em que estavam e começou logo a fazer uma maneira de Igreja para dizer missa e ensinar-lhes a doutrina, 10) mas era tanta a gente que vinha a visitar o padre, assim daquella aldeia como das outras, que quase todo o dia gastava em trabalhos a consola1-os e assim o dia seguinte se acabou a Igreja, onde se disse missa, os ensinaram a doutrina com grande consolo de todos.



Índios, fotografia, (Fonte: <http://www.camacarinoicias.com.br>).

Entendo que, com a leitura desta primeira parte da carta de Tolosa, você está ficando cada vez mais familiarizado com o mundo de pertencimento dos jesuítas. Está avaliando sua profissão de fé e sua inclusão na cultura religiosa da Igreja Católica, que se encontrava em pleno exercício da contra-reforma que, por sua vez, foi iniciada com as novas doutrinas estabelecidas no Concílio de Trento, conforme explicitado na aula anterior.

CONCLUSÃO

RESUMO



Caro aluno ou querida aluna: nesta aula você pôde ver um documento de grande valor histórico, detalhando acontecimentos ocorridos há quase 500 anos! É um documento escrito por ninguém menos do que um componente da equipe de Gaspar Lourenço, o jesuíta que andou por estas terras em que vivemos hoje com todo o conforto da civilização moderna. Convicto da sua fé e apoiado por princípios religiosos, Lourenço catequizou milhares de índios, facilitando, involuntariamente, o posterior apresamento e depois o genocídio das nações nativas. Analisando-se esta primeira parte da carta, vê-se que os missionários não se intimidavam diante de nenhuma adversidade, mesmo com o risco de perderem a própria vida. Vimos que os jesuítas acreditavam nas boas intenções dos governantes, dos papas e dos conquistadores, e que buscavam mesmo servir a Deus. Era o mundo de pertencimento dos jesuítas.

REFERÊNCIAS

- BANGERT, W. **História da Companhia de Jesus**, Braga, A. O. e Eds. Loyola, 1985.
- BOURDON, Albert Alain. **História de Portugal**, Coimbra: Livraria Almedina, 1973,
- BEZERRA, Felte. **Investigações histórico-geográficas**. Rio de Janeiro: Edição da Organização Simões, 1952. Coleção REX.
- BRANDÃO, Elena H. Nagamne. Catequese e colonização no discurso jesuítico. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de. (Org.) **Os discursos do descobrimento**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista; FAPESP, 2000.
- FRANCO, Emmanuel. **A colonização da Capitania de Sergipe Del Rei**. Aracaju: J. Andrade, 1999.
- HOORNAERT, Eduardo. **A Igreja no Brasil – Colonial (1550-1800)**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- JANOTTI, Maria de Lourdes. O livro fontes históricas como fonte. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.) **Fontes Histórico**, São Paulo: Contexto, 2005, p. 10.
- RODRIGUES, José Honório. **História da História do Brasil. Historiografia colonial**. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979. p. 256.
- RODRIGUES, Francisco **A Companhia de Jesus em Portugal e nas Missões. Esboço histórico – Superiores – Colégios, 1540-1934**. 2 ed. Porto: Edições do Apostolado da Imprensa, 1935.
- LONDOÑO, Fernando Torres. Escrevendo cartas. Jesuítas, escrita e missão no século XVI. **Revista Brasileira de História**. Tempos do Sagrado. São Paulo, 2002. v. 22, n. 43, p. 12.
- LIMA, Jackson da Silva. **Os estudos antropológicos, etnográficos e folclóricos em Sergipe**. Aracaju: Governo de Sergipe. /SEC. 1984. p. 33-34.
- NIZZA, Maria Beatriz da (Org.). **De Cabral a Pedro I: aspectos da colonização portuguesa no Brasil**. Porto: Universidade Portucalense Infante D. Henrique, 2001.

PRADO, Ivo do. **A Capitania de Sergipe e suas ouvidorias.** Rio de Janeiro: Pap. Brasil, 1919.

FRANÇA, Vera L. A; CRUZ, Maria Tereza Souxa (coord.) **Atlas Escolar de Sergipe. Espaço geo-histórico e cultural.** João Pessoa: Editora Grafset, 2007. p. 96.